



POR DETRAZ DA CORTINA . . .



Como sempre, o sr. Antonio José ficou mais uma vez cordealmente comido com os «extras»...

Um erro não é um... crime

Tragi-comedia em 1 prologo, 1 acto e 1 epilogo

A discussão da questão das quedas de água de Rhodam será, pois, feita na Camara dos Deputados com a necessaria aplitude, e, pela nossa parte, como já dissemos, não duvidamos que se prove não ter havido n'ella nada que affecte a moralidade da republica. Pode ter havido um erro, um equivooco, porventura mesmo uma má interpretação, mas esse facto, que só reveste o aspecto da legalidade, não deverá ser considerado com a severidade com que as questões moraes tem de ser encaradas. Um erro não é um crime.

(Do artigo de fundo A LEI d'A Capital de 12 de junho de 1914.)

PROLOGO

O sr. . . ., proprietario do kiosque . . . do Rocio, educou a suas expensas um menino e fel-o engenheiro.

Foi um crime? . . . não, foi um erro.

E a prova está em que, 20 annos depois, o velho continuava a ser proprietario do kiosque e . . . os correligionarios do menino queimaram o kiosque ao pobre do velho.

A Monarchia nomeia-o administrador de Redondo.

De tal maneira se distingue n'esse elevado cargo, dando inconfundiveis provas de honradez e intelligencia, que a Monarchia processou-o e nem um lugar de cabo de policia lhe deu.

Foi um crime? Não, foi um . . . erro!

Antonio José d'Almeida, descobre em Antonio Maria da Silva, engenheiro da circumscriptão mineira do sul e subalterno de D. Manuel Roldan y Pego, (outro dos concessionarios), um talento desperado pela Monarchia.

Foi um crime? Não, foi um . . . erro.

O distincto engenheiro de Minas é apresentado pelo sr. Antonio José d'Almeida aos seus correligionarios, e demonstra á illustrada assembleia (3) «Os diferentes côrtes a fazer nos arames do telegrapho para a ligação ficar interrompida», no que foi applaudidissimo, e o trabalho de engenharia considerado de tal importancia, que, logo apoz a proclamação da republica lhe valeu o pulo de ajudante do sr. Roldan para . . . para Administrador dos Correios e Telegraphos!

Foi isto um crime? Não, foi um . . . erro!

A republica, não contente de ter reconhecido no antigo engenheiro de Minas (. . . e de secretaria) uma competencia pyramidal para os telegraphos, descobriu que a celebre these sob «Os côrtes dos arames electricos» merecia, alem do insignificante lugar de Administrador dos Correios e Telegraphos, a Carta de engenheiro electricista, pois n'um regimen em que apenas se tem a competencia do individuo em conta, com toda a certeza s. ex.ª não poderia ser nomeado para o lugar mais alto a que um engenheiro electricista pode aspirar—o de Inspector das Industrias Electricas—sem o ser.

O antigo engenheiro de Minas (. . . e de secretaria) é presentemente Inspector de Industrias Electricas.

Será isto um crime? Não, é um . . . erro.

A Carbonaria Portugueza, para acabar com os roubos, escandalos e immoralidades da Monarchia, elegeu-o *Chefe da Alta Venda*.

Foi isto um crime? Um erro? Não, foi um . . . symbolo.

PORTAS DE RHODAM

Acto unico

PERSONAGENS

Antonio Maria da Silva. — Engenheiro de Minas, Ministro do Fomento, Secretario Geral do Ministerio do Fomento, Administrador dos Correios e Telegraphos, Inspector de Industrias Electricas, Deputado, Chefe da Alta Venda da Carbonaria Portugueza, democratico e . . . concessionario do Estado.

Don Manuel Roldan y Pego. — Engenheiro de Minas, Chefe da 2.ª repartição de Minas do Ministerio do Fomento, Director da Propaganda de Portugal (*sic*) e . . . concessionario do Estado.

Mello de Mattos. — Engenheiro d'Obras Publicas, Chefe da Repartição da Propriedade Industrial, Director da Propaganda de Portugal (*sic*) e . . . concessionario do Estado.

(A scena passa-se na Choca «A Moralidade» e é, por consequencia, secreta. Sabemos todavia, devido á grande confiança que a fraternal gente deposita uns nos outros, a ponto da exclusão dos classicos cabeças de ferro, as conclusões seguintes lavradas na dita reunião).

1.º—E' ou não verdade que houve um funcionario superior do Ministerio do Fomento, que, com outros funcionarios de cathogoria, do mesmo Ministerio, são requerentes d'uma concessão dada pelo mesmo Ministerio, e a qual teve que ser informada pelos seus collegas que constituem as varias direcções geraes do dito Ministerio do Fomento.

E' ou não verdade?

E', mas no regimen republicano poderá isto ser considerado um crime? Não, um . . . erro.

2.º—E' ou não verdade que até á proclamação da republica, o requerimento nunca passou do cesto dos papeis inúteis e que, logo no governo provisorio, sendo ministro Brito Camacho e secretario geral do ministerio, um dos requerentes, se promulgou uma lei em que se favoreciam as quedas d'água?

E' ou não verdade?

E', mas considerando a alta competencia do distincto medico Brito Camacho para a pasta do Fomento, não necessitar os conselhos de ninguem, e mesmo que tal facto se desse o insignificante cargo occupado por um dos requerentes impedir de ter alguma influencia moral sob o ministro, quanto mais engrola-o; isto não pôde ser considerado um crime mas sim um . . . erro.

3.º—E' ou não verdade que um dos requerentes é Inspector de Industrias Electricas e como tal é obrigado a dar o seu parecer sobre o requerimento?

E' ou não verdade?

E', mas, considerando que isto é uma prova de que, ninguem melhor do que elle conhece o assumpto, isto não poderá ser considerado um crime mas sim um . . . erro!

4.º—E' ou não verdade, que depois da concessão ser definitivamente dada, um dos concessionarios, na sua qualidade de Inspector das Industrias Electricas, teria a seu cargo a fiscalisação, por parte do governo, do cumprimento das clausulas da concessão, installação do material, etc.?

E' ou não verdade?

E', mas considerando que isto de, o concessionario ser ao mesmo tempo fiscal por parte do governo, é um beneficio para o Estado, pois com certeza não hão de haver muitos pontos de desaccordo entre os concessionarios e o Estado e portanto com mais rapidez estará o caso resolvido. Não se trata de um crime, mas sim de um . . . erro.

5.º—E' ou não verdade, que os concessionarios não apresentavam condições de explorar a concessão, mas estavam em vespuras de a negociar a uma companhia estrangeira no que ganhariam apenas alguns centenaes de contos?

E' ou não verdade?

E', mas considerando que os concessionarios generosamente davam ao governo a quantia de 3 contos, isto não poderá ser um crime mas sim um . . . erro!

6.º—E' ou não verdade que existia outro requerente para a concessão da exploração das aguas de Rhodam e que se não abriu concurso?

E' ou não verdade?

E', mas como o outro requerente *voluntariamente* desistiu, não pode ser considerado um crime mas sim um . . . erro!

7.º—E' ou não verdade, que depois da venda da concessão a uma companhia estrangeira, um dos concessionarios como Inspector das Industrias Electricas, teria que fiscalisar, por parte do governo, a dita companhia?

E' ou não verdade, que a dita installação custaria cerca de 7:000 contos?

E', mas considerando a alta envergadura moral do concessionario é impossivel a alguém suppor a possibilidade de um accordo entre elle e a companhia estrangeira.

8.º—E' ou não verdade que, sendo um dos requerentes, ex-funcionario d'Obras publicas e, depois, director geral dos correios e deputado, nomeado ministro do fomento, o processo de concessão, em que era pessoalmente interessado, continuou seguindo a sua marcha, durante o tempo em que aquelle esteve occupando a pasta por onde esse processo corria, e tão ve-lozmente que até se dispensaram todos os estudos, julgados necessarios por varias direcções geraes para se terem dar o seu parecer ou para que a concessão podesse ser concedida?

E', mas considerando, que o concessionario, enquanto Ministro, não deu despacho á concessão, mas deixou-a para dois mezes depois, o seu successor e correligionario li'o fazer, isto não pode ser considerado um crime mas sim um... erro?

9.º—E' ou não verdade que a Constituição prohibe um deputado ser concessionario do Estado?

E' ou não verdade?

E', mas no regimen republicano faltar á constituição não é um crime, mas sim um... erro.

10.º—E' ou não verdade, que dos quatro concessionarios, tres são altos funcionarios do Estado e do Ministerio do Fomento, pelo qual a concessão foi dada?

E' ou não verdade?

E', mas sendo um ex-ministro, e os outros dois *Directores da Propaganda de Portugal*, que tem como fins: a propaganda moral, intellectual e material de Portugal (ver os estatutos), isto não pode ser considerado um crime, mas sim um... erro?

11.º—E' ou não verdade que se esse negocio se tivesse dado no tempo da Monarchia seria um escandalosissimo crime, mas dando-se na republica e por republicanos, não pode ser considerado um crime, mas sim um... erro.

Mais apurámos da celebre reunião da Choça A Moralidade: Que os concessionarios tinham agradecido as saudações dos seus amigos e correligionarios de Ambaca, S. Thomé, Macau, *binubas*, Bemfica, etc., etc., enviando-lhes o seu apoio moral.

EPILOGO

Arroz doce

O sr. Roldan preside á uma assembleia da *Propaganda de Portugal*.

A Camara dos Deputados, com o consentimento das opposições, regeita a moção do sr. Camillo Rodrigues, pela qual a concessão era annullada e o concessionario perdia o seu mandato de deputado.

O silencio dos *camachistas* e do chefe dos evolucionistas. O maior partido republicano solidarisa-se com os concessionarios.

O sr. Antonio Maria da Silva continua frequentando a Camara dos Deputados aonde chama *canalha* ao sr. Celorico Gil.

O governo da presidencia do sr. B. M. entrega a decisão ao Supremo Tribunal Administrativo.

Um dos convidados do celebre jantar de B. M. é o A. M. da S. e

«Os monarchicos não tem o direito de fiscalisar os republicanos».

«Dizer-se republicano, é dizer-se um homem de bem».

Bernardino Machado.

E dito isto, está dito tudo!

(Cae o panno para a scena se mudar, porque o acto seguinte deve passar-se... na Boa-Hora).

El-Rei no exilio

O Thalassa começa publicando no proximo numero uma serie de photographias do Palacio de El-Rei Dom Manuel, em Inglaterra, seguindo-se-lhes outras sobre a vida de Suas Magestades no exilio.

Nesta primeira serie daremos aos nossos leitores diversos aspectos do Palacio, jardins e aposentos de El-Rei e da Rainha Augusta Victoria, absolutamente ineditos.

Estas photographias foram offerecidas a O Thalassa por ordem d'El-Rei, honra que muitissimo nos penhorou e que registamos com o mais legitimo orgulho.

DR. ANNIBAL SOARES

Du-a honra da sua visita á esta redacção, o nosso prezado amigo sr. dr. Annibal Soares que se encontra actualmente em Portugal n'uma curta visita, d'alguns dias, á sua familia.

O illustre jornalista e nosso antigo camarada no *Correio da Manhã*, que tem estado no estrangeiro como exilado politico desde janeiro de 1911; tenciona regressar para a casa da sua residencia em Bruxellas, na proxima semana.

Abraçando o sr. dr. Annibal Soares com o mais vivo prazer, O Thalassa saudá o eminente jornalista afirmando-lhe a sua muita estima e apreço.

CARTAS ROUBADAS

Annunciam os jornaes republicanos, que vão ser publicadas *algumas* cartas e outros documentos encontrados (!) nos Paços Reaes.

Achamos bem, para que d'uma vez para sempre acabe a ignobil exploração com que os jacobinos pretendem atingir El-Rei e a Familia Real. Como o nosso illustre collega *O Dia*, diremos tambem: venha tudo! **publiquem tudo, mas tudol!**

E' tempo de se desfazer mais essa torpissima lenda que irá bater de ríocheto nas *pillas de cartas* de Ambaca, do opio, das binubas, de S. Thomé, das contribuições do Estado, de Rhodam, etc., etc.

E sobre o assumpto, por hoje, mais nada, prometendo porém, voltar a elle com a attenção que merece tão ignobil expediente republicano.

Coitados! Como se vêem no estrebuchar, a tudo se agarram...

A Monarchia para breve...

Os seus trabalhos preliminares

A Monarchia, assim que for restaurada tem de empregar os seus primeiros esforços em algumas urgentissimos trabalhos preliminares, antes de se dedicar aos graves e importantes problemas nacionaes. O Thalassa, no intuito de facilitar essa tarefa, registará n'esta secção o que a Monarchia tem a fazer logo d'entrada para purificar o ambiente...

IV



Remetter alguns processos para a Boa-Hora afim de os reus serem julgados como criminosos de direito commum.

E' posta á venda para a semana esta obra sensacional:

O sr. Bernardino Machado nunca existiu!

Bernardino na Historia
Bernardino na Politica Bernardino na Cordealidade
Formação impessoal do Bernardinismo

POR

CRISPIM

Um folheto de cerca de 40 paginas

Preço 100 réis

(Pelo correio 120 réis)

Todas as pessoas que desejem adquirir este sensacional trabalho historico-politico onde se prova com documentos que o **sr. Bernardino Machado nunca existiu** porque é apenas um mytho jacobino, podem desde já dirigir os seus pedidos para a administração d'O Thalassa acompanhados da importância. São os que vierem n'estas condições serão attendidos.

HABITANTE INCOMMODO



A Lua: Irra! que este . . . "insecto" não me larga! . . .

Quadros da minha terra

(4.º QUADRO)

A visita de cerimonia

I

As Menezes tinham resolvido n'aquelle dia ir fazer visitas de cerimonia, aproveitando o domingo, em que o papá as podia acompanhar, e a elegancia ainda não amarrotada dos vestidos novos que tinham chegado da modista, na vespera.

Levantaram-se muito cedo, espanejaram-se n'um semicupio e, depois de se terem arrebitado durante duas horas, foram postar-se, hirtas e magestosas em dois bancos de cozinha postos previamente na casa de jantar, fazendo a admiração da creada e o susto do gato que, ohava apavorado com o pelo hirsuto, os penachos enormes que as Menezes ostentavam nos chapéus, triumphantes.

— Não façam vento, Maria! Olha que estúpidoz! Para ficarem todas despendeadas... — reprimendaram as Menezes, quando a moçoila foi estender o panno na mesa.

A's 3 horas o papá estava prompto, envergando a sobrecasaca solemne dos grandes dias e a gravata de setim branco dos momentos festivos onde resplandecia uma lyra d'ouro cravejada de pedras falsas, mimoso brinde oferecido no dia do seu casamento por um grupo d'amigos do *Gremio Arte e Progresso* do que elle era presidente.

— Vamos meninas que são horas.

As Menezes arregraram-se muito para saltar um regueiro mal cheiroso que escorria pelo patamar, e, gritando à Maria «*que as fossem ver á janella*», sahiram impertigadas sob os olhares maldizentes da visinhança.

— Então onde vamos primeiro?

— O melhor é começarmos por casa do general — alvitrou a Menezes mais nova.

— Ai que estopada! São capazes de estar em casa.

— Não, a esta hora é que provavelmente não estão.

— Eu cá dou 5 réis ás almas, se essas delambidas tiverem sahido.

E as Menezes seguiram pela rua abaixo saracoteando-se muito, com o papá ao lado, cortando na casaca das do general. Quando chegaram ao Rocio, a Menezes mais velha acotovellou a mais nova.

— Olha o dr. Freitas!

— Onde?

— Ali, não vês? Está a cumprimentar.

A Menezes mais nova cumprimentou espevitando-se muito, e acotovellou por sua vez o papá.

— Olhe o dr. Freitas. Está a cumprimentar, não vê?

O papá voltou-se apressado, tirando respeitosa e o chapéu, mas não viu o dr. Freitas.

— Não o vejo?

— Está ali á porta da Monaco — e as Menezes apontavam, esbarrando com os grupos.

— Ai, credo! que gente tão brutal! Já estou toda amachucada.

Por fim o papá viu o dr. Freitas, tirando de novo o chapéu n'uma venia respeitosa.

— Agora vae elle dizer á mulher que nos viu com os vestidos novos. Deve ficar damnada!... E' uma invejosa.

Quando chegaram á porta do general, miraram-se muito, compondo-se mutuamente.

— Vê lá ó Sophia: tenho muito pó d'arroz?

A Sophia viu e não achou, pedindo por sua vez á mana para lhe ver se a préga da saia cahia bem atraz.

O papá endireitou a gravata, passou a manga da sobrecasaca pela seda do chapéu fino, e subiu á frente, pigarreando grosso.

— Ai! Deus queira que não estejam! — murmuravam as Menezes, apalpando já os bilhetes de visita.

Bateram. Lá dentro sentiu-se reboliço, e uma voz esgançada, berrou:

— Quem é?

— O sr. general e as senhoras estão? — perguntou o sr. Menezes com solemnia.

— O Gertrudes vá á porta ver quem é? — tornou a voz esgançada.

— Agora não posso minha senhora. Estou a escamar o saebel!...

— O Alfredinho escreita ali ao rão.

O Alfredinho espreitou, e as Menezes, abafando o riso diziam: «*Que gentinhão!*»

— São as sr.ªs Menezes! — illicidou o Alfredinho para dentro. Sentiram-se então passos correndo e a voz colerica da D. Conceição, gritar em surdina.

— Fechem essas portas! O Gertrudes, ponha já um avental

branco e vá abrir a porta. Mande entrar para a sala. Olhem que vergonha!

A Gertrudes com o cabelo cheio de escamas, enxugou as mãos, poz o avental e arrastando os chinellos pelo corredor, gritou de novo:

— Quem *précuram?*

— O sr. general e as senhoras estão? — tornou de novo o sr. Menezes.

— Que estúpida! — bradou raivosa a Nini lá do quarto. — O Alfredinho vae dizer áquella bruta que mande entrar as Menezes para a sala. Que vergonha! Ellas então, que são umas teleironas!

A Gertrudes abriu a porta.

— O sr. general e as senhoras estão? — tornou mais uma vez o sr. Menezes.

— Eu vou *précurar!*

E a Gertrudes foi bater á porta do quarto da patrão.

— Está ali um *home* que *précura* se a senhora está.

Soffocadas pela colera, a D. Conceição e a Nini, guincharam em córo:

— Mande já entrar seu estafermo!

A creada rosnou que «*não advinhava* porque umas vezes queriam que dissessem que estavam, outras que não estavam» e abriu a porta da sala.

— Entrem façam favor.

— Nós não queremos incommodar — declarou, sorrindo, a Menezes mais velha. Se as senhoras não podem receber, deixamos os nossos cumprimentos.

— *Assentem-se, assentem-se* que ellas veem já. O sr. general está a lavar os *pezes* mas as senhoras veem já ahí.

As Menezes, mordendo os beiços para conterem o riso, sentaram-se.

(Conclue no proximo numero).

BOA SOMBRA



Quem a boa arvore se encosta...

A FALLA PARA A HISTORIA

Ve-se da lyrica falla do sr. Antonio José para a Historia: — que o sr. Affonso Costa tem todos os vicios e todas as más qualidades;

— que o sr. Antonio José, apesar de conhecer os vicios e as más qualidades do grão mestre da *formiga branca*, tem estado sempre feito com elle, umas vezes directa outras vezes indirectamente;

— que, se não fosse a ingratidão do sr. Affonso Costa continuariam vivendo os dois na mais perfeita harmonia, provando-se assim que os vicios e más qualidades do primeiro não eram coisa que incomodasse os *principios* do sr. Antonio José.

Conclusão: *tambor um, caixa de rufo o outro!*



N'uma das ultimas e interessantissimas *Cartas da Belgica* publicadas na *Nação*, figura como ir... chefe de loja maçonica o sr. Antonio Fragoso Vieira d'Abreu.

Pois este cidadão, na ultima quaresma, confessou-se e comungou na igreja d'Avô, concelho d'Oliveira do Hospital. Este é *atheu, graças a Deus...*

A gazeta do aviador-mór discutindo com *O da bola* estabeleceu a hypothese de entrarem na camara deputados monarchicos. Não de entrar, mas depois d'aquillo tudo varrido e convenientemente desinfectado.

Os parlamentares do partido *dramatico*, reunidos em sessão magna, approvaram a conducta e a attitude do seu collega e correligionario *Alfayatinho do Redondo* no caso aquatico das Portas de Rhodam.

Leem todos pela mesma cartilha. Já cá se sabia.

Foi ha dias remettido para juizo um cidadão denunciado de falso medico.

Já tinha sido remettido para o Senado um medico, quando se confessou falso denunciante, e ainda la está.

O conselheiro Bernardino, quando foi procurado pela comissão dos catholicos de Coimbra, que veio representar contra o encerramento da igreja de S. João de Almedina, disse ás senhoras que d'ella faziam parte que, se a igreja fosse sua, lh'a offerreceria. Como, porem, a igreja era da *Irmandade dos Clerigos Pobres*, Sua Densosidade offerceu-a a *formiga branca*.

O general André honrou com a sua olympica e mavortica presença o funeral de um capitão da guarda republicana; no funeral do honrado official, major Eduardo Correia, fez-se representar por um dos seus ajudantecos.

Assim devia ser para evitar confusões.

Diz O da Bola estar informado de que fadistas e vadios assoladados estão encarregados de liquidar a tiro certos republicanos.

Devem ser os que tirocinaram nos assassinatos do tenente Soares á entrada do Francfort, do sargento Silva Pereira na rua Victor Gordon, de Ramiro Pinto á porta do Gymnasio ou de Nunes Pedro nas arribas de Cascaes, que todos a justiça republicana tem deixado a solta e que estão na disponibilidade, promptos para qualquer serviço.

O *salsifré pires* do conselheiro Bernardino e sua ex.^{ma} esposa no ministerio do interior apreciados por um empregado menor do mesmo ministerio ao serviço de suas ex.^{as}!

—Estava tudo muito bonito e correu tudo muito bem! O que foi pena, foi ter faltado tanta gente!

Uma gazeta Jacobina, fazendo o balanço da herança da Monarchia, avalia a vaidade nacional pelo numero de titulares.

Quando um dia se fizer o balanço da herança da *luminosa*, se avaliará da voracidade republicana pelo numero dos *tubarões*, concessionarios e outros bestabões do actual regimen. Ha de ser muito elucidativo.

ARCHIVADO

Pergunta-nos um leitor o que teria feito a Historia á fálta do sr. Antonio José.

Oral Levou-a para o *cabinet d'aisances* da posteridade...

Album dos presos politicos

Por falta de espaço somos hoje obrigados a retirar esta secção.

BOA IDEIA

O sr. Machado Santos aconselha o sr. Bernardino a que visite o Bairro Alto, Mouraria e Alfama.

Bóia ideia. E não se esqueça tambem de passar pelo Ferragial... em homenagem ao sr. França Borges!

RAINHA AUGUSTA VICTORIA

Retratos e postaes

Está quasi exgotada a edição do retrato de Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria trajando á moda do Minho.

O acolhimento que teve a iniciativa d'*O Thalassa* e ainda as repetidas instancias que nos tem sido feitas n'este sentido, levaram-nos a reproduzir em postaes o retrato da Augusta Soberana, trabalho este que está já concluido e que puzemos á venda por preço ao alcance de todos.

Cada postal, lindamente impresso a 3 côres, custa apenas 40 réis. Pacotes de 25 postaes para propaganda, 800 réis.

Os retratos-chromos de Sua Magestade continuam á venda pelo preço de 60 réis.

Satisfazem-se na volta do correio todos os pedidos, que podem desde já ser feitos á Administração d'*O Thalassa*, rua da Rosa, 162, 1.º D.—Para a provincia acresce o porte do correio.

CRAVOS «O THALASSA»

Por equívoco, dissemos no ultimo numero que o illustre floricultor que creou os novos exemplares de cravos *O Thalassa* se chamava Arthur Pires, quando o nome d'este nosso amigo é Arthur Fins.

IA ALTA A LUA...

Diz o sr. Antonio José que levou a escrever a sua fálta para a Historia, desde a 2 horas da manhã até ás 4.

Bate certo. São as horas em que a lua brilha com mais intensidade.

O DIA DA VENDA D'«O THALASSA»

Pergunta-nos um leitor porque sae agora o nosso jornal outra vez á quinta feira. Por uma razão muito simples: nos dias em que anda a roda, os vendedores teem a lista, dando-se portanto uma duplicação de serviço a que elles não podem attendere. Ora, como a *roda anda agora ás sextas feiras, nós voltamos para as quintas, e, quando a roda passar novamente para estes dias* (porque o sortieo obedece a um plano), *nós tornamos para as sextas feiras*. Temos que andar desencontrados. Entendidos? Pois aqui fica a explicação a todos os prezados leitores, assignantes e annunciantes d'*O Thalassa*.

Usem a Agua do Mouchão da Povoa

No tratamento das doenças de pelle.

Theatros

RUA DOS CONDES — A revista *A'lerta Junior* o maior successo de gargalhada, da actualidade representa-se todas as noites em duas sessões. O merito da chistosa peça, avalia-se pela extraordinaria concorrencia que afflue a applaudi-la não ficando um unico lugar por vender em todas as sessões.

COLYSEU DOS RECREIOS — A Companhia Caramba, que actualmente se exhibe no magestoso Colyseu das Portas de Santo Antão é incontestavelmente o mais ruidoso e justificado successo artistico que se tem apresentado em Lisboa. Desde as peças que constituem o repertorio da extraordinaria Companhia, em que figuram as mais afamadas composições do mundo musical, até ao desempenho, confiado aos primeiros artistas da especialidade, e ao scenario que é o que de melhor e mais assombrosamente rico temos visto, tudo, na deslumbrante Companhia é inescandivel e de uma magnificencia superior.

Só um temperamento indomavel de arrojo como o do intelligente empresario do Colyseu dos Recreios, o nosso illustre amigo Commendador Antonio Santos podia conceber e executar o empreendimento colossal que representa a vinda a Lisboa da famosa Companhia Caramba; porque é sem sombra de duvida uma celebridade mundial esse esplendido nucleo de artistas que temos entre nós.

Hoje representa-se a *Castla Suzana* e a seguir teremos as estreias, em Portugal, da *Malbruk* e *Capitão Phantasma*.

Animathographos

Os melhores e melhor frequentados:

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso — **Olympia** — Rua dos Condes — **Salão da Trindade** — Rua da Trindade — **Central** — Praça dos Restauradores.

DE SABUGO CORDEAL...

2 DE JULHO

O THALASSA



Le Bernardino du Rhodam est mort!



Vive le Bernardino des Extras!